

Presença de  
Florestan Fernandes



# Homenageando Florestan Fernandes

*ALFREDO BOSI*

**C**UMPRE-ME DIZER QUE, mal chegou ao Instituto a notícia da morte de Florestan Fernandes, no dia 10 de agosto último, já se concebeu a idéia de prestar-lhe, no mais breve tempo possível, a homenagem pública que lhe devemos todos como professores da Universidade de São Paulo.

Desde a primeira hora, tivemos o propósito de reunir os seus familiares e amigos, os seus companheiros de faculdade e de luta política, os seus discípulos e admiradores para ouvi-los e registrar a sua palavra compondo um dossiê para a revista *ESTUDOS AVANÇADOS*.

O encontro de hoje responde a esse projeto de dar voz a testemunhas ilustres e privilegiadas, certamente não as únicas, pois os seus leitores formam legião, mas algumas dentre as mais representativas e capazes de nos transmitir o seu sentimento e o seu pensamento sobre a pessoa e a obra de Florestan Fernandes.

Sei que, formalmente falando, o meu papel aqui é de ouvir, fazer falar e pouco ou nada dizer. É a praxe dos apresentadores. Mas, tratando-se de Florestan, a praxe é romper com toda praxe. Mas prometo ser breve.

Entre os homens e as suas instituições dá-se um jogo de mútua dependência e mútua transcendência.

Hoje, passados 60 anos da fundação da USP e, particularmente, da sua alma *mater*, a Faculdade de Filosofia, não podemos conceber Florestan sem a sua universidade, nem a USP sem a palavra e a ação de Florestan. A universidade formou o núcleo essencial da sua cultura sociológica e antropológica; mas, em compensação dele recebeu o selo dos valores éticos e políticos de independência e resistência. Quando já cassado, isto é, aposentado compulsoriamente, Florestan cobrava da USP uma posição mais radical com relação à ditadura, era o militante que parecia transcender à instituição; mas, fosse alguém acercar-se do professor Florestan para atacar ou denegrir a sua universidade, dele recebia um enérgico contra-vapor, e o crítico temerário tinha que ouvir uma das afirmações prediletas do mestre: “A fundação da Faculdade de Filosofia como coração da USP foi um fato muito mais importante para o Brasil do que a semana de Arte Moderna de 22”. Nesse momento e na sua perspectiva histórica, a universidade o transcendia.

Essa gangorra de altos e baixos em que se balançava o seu conceito de universidade compreende-se melhor quando se analisa a sua figura de intelectual que quis e conseguiu ser militante e estudioso em tempo integral; e que assumiu o papel de *Dom Quixote* da sociologia crítica em tempos adversos tanto às ciências sociais quanto à resistência política. Conformer-se era para ele cair no conformismo que é, como se sabe, um efeito corrente da lei da gravidade no campo moral; mas o seu realismo, porque era visceralmente dialético, não podia renunciar a uma boa dose de idealismo. Assim, ele pretendeu perfazer a quadratura do círculo e fazer com que a instituição universitária servisse, como ele, em tempo integral, não aos intelectuais que dela vivem ou nela vegetam, mas àqueles que, sabidamente, não tiveram nem têm acesso aos seus bens; aqueles que ele gostava de nomear, com uma forte expressão latinoamericana, *los de abajo*, título de um belo romance social do mexicano Arzuola.

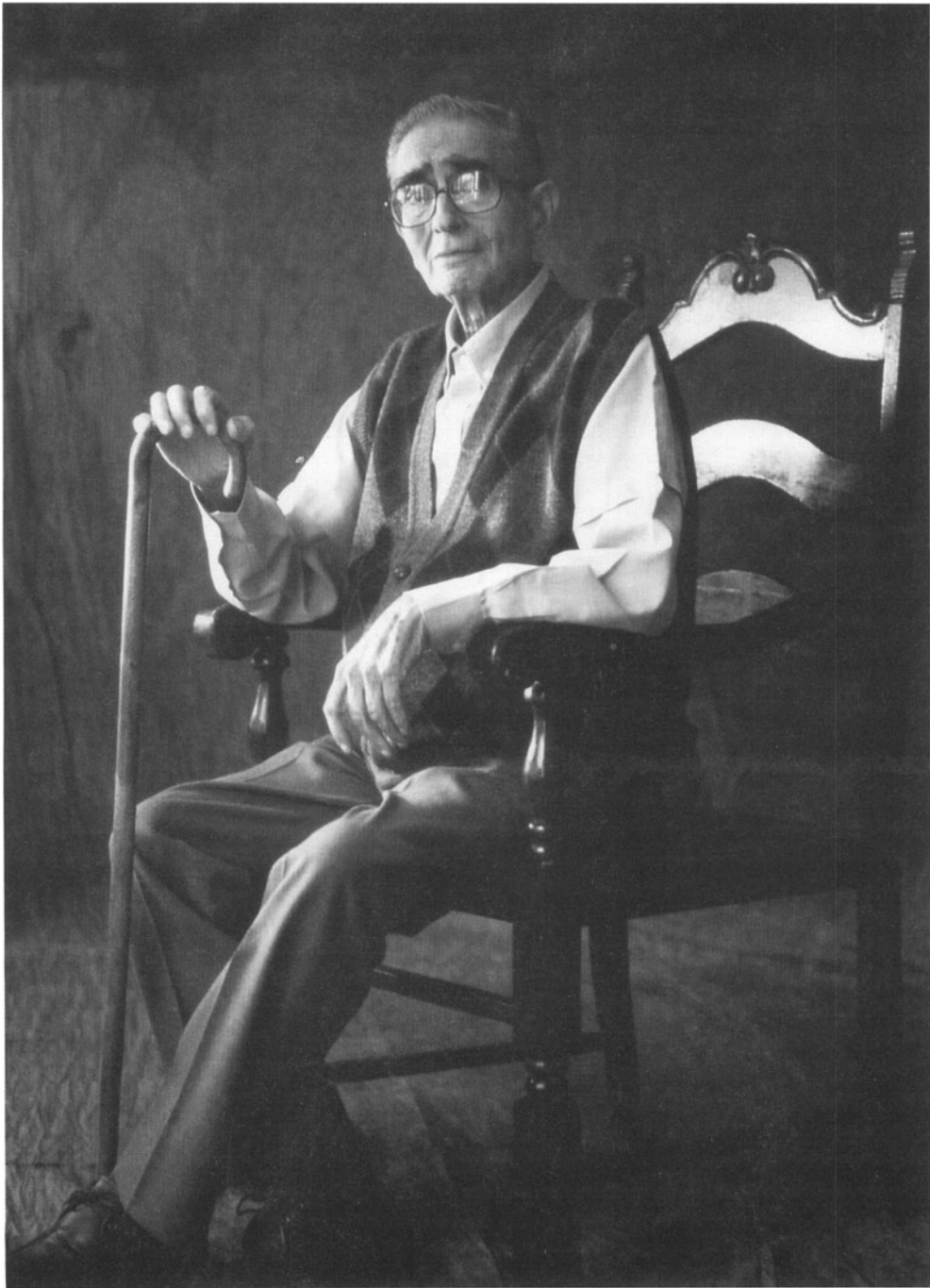
Essa coerência inquebrantável deu-lhe uma fisionomia que não se esquece. “A partir dos trinta anos somos responsáveis pelo nosso rosto”, disse Albert Camus. Lembrando essa palavra terrível não é sem angústia que a gente se olha ao espelho.

No caso de Florestan, os ideais defendidos com intransigente pureza fariam supor, aos que não o tratavam de perto, uma fisionomia contraída e endurecida pelos embates e pelas não raras derrotas. Puro engano. Chegando perto, via-se que os traços predominantes eram doces, o sorriso jovial, próprio dos que lutam sem aspirar a qualquer recompensa pessoal; e o brilho dos olhos revelava o caráter animoso voltado antes para as esperanças do futuro do que para as decepções do passado. E o futuro tinha para ele um belo nome: *Socialismo com Liberdade*.

É esse o homem e é essa a obra que os nossos convidados homenageiam neste encontro.

*Alfredo Bosi* é professor de Literatura Brasileira na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP e editor da revista *Estudos Avançados*. É autor de *Dialética da colonização* (Companhia das Letras, 1994), entre outros livros.

Discurso feito pelo autor na abertura do Ato *Presença de Florestan Fernandes*, organizado pelo Instituto de Estudos Avançados na Sala do Conselho Universitário da USP em 5 de outubro de 1995. Compuseram a mesa o reitor da USP, Flávio Fava de Moraes, o reitor da Unicamp, José Martins Filho, o ministro da Cultura, Francisco Weffort, o secretário estadual da Cultura de São Paulo, Marcos Mendonça e os professores Antonio Candido e Boaventura de Souza Santos.



*Florestan Fernandes em 2 de agosto de 1995, oito dias antes de sua morte*